

Sobre a crença no sobrenatural no século XIX

Resenha de DEL PRIORE, Mary. *Do outro lado: a história do sobrenatural e do espiritismo*. São Paulo: Planeta, 2014.

Carlos Eduardo Marotta Peters
Doutor em História Social pela UNESP/Assis-SP

Vários historiadores afirmaram que toda história é uma história do presente. Quando um autor se debruça sobre um tema, elabora uma problemática, junta suas fontes, compõe sua narrativa, é a partir do presente que ele pensa, obtêm suas motivações, estabelece suas prioridades. A história das religiões é fruto das inquietações do nosso presente, de um mundo de intensas e complexas mudanças no campo religioso. Ela tem suas raízes em Michelet, em seu famoso estudo sobre a bruxaria na Idade Média, mas foi a partir da primeira geração dos Annales que ela adquiriu força. Lucien Febvre e Marc Bloch, dentre outras coisas, abriram espaço para a análise das mentalidades coletivas, o que permitiu um olhar mais atento para os sistemas de crenças. Uma obra pioneira, nesse sentido, é *Os reis taumaturgos* de Bloch.

Mais recentemente, a história das mentalidades e a história cultural deram um grande impulso à análise das religiões. Podemos dizer que hoje a história cultural exerce certa hegemonia nas universidades e seu leque de preocupações abarca o imaginário, as identidades e os sistemas de crenças. No Brasil, tal virada *culturalista* da historiografia é mais recente. Inicia-se na década de 1980, com as obras de Laura de Mello e Souza e de diversos outros historiadores, influenciados pela Escola dos Annales, pela história social inglesa e pela obra de Michel Foucault.

Com o impulso recente dado à história das religiões no Brasil, problemas de duas ordens afetaram e afetam a produção historiográfica local. Por um lado, grande número de trabalhos realizados sobre o tema envereda pela história de determinadas vertentes, seitas e denominações religiosas, muitas vezes se rendendo àquilo que os primeiros membros da Escola dos Annales chamaram de *ídolo das origens*, ou seja, a busca por uma narrativa homogênea e cronológica de uma religião específica, que seria portadora de certa essência própria. Assim, o espiritismo no Brasil, por exemplo, teria

uma história que remonta ao século XIX, quando de sua chegada ao país e quando da criação da primeira associação de espíritas, e se consolidaria no século XX, com a popularização de suas práticas e o desenvolvimento de uma vertente mais *religiosa* do que *filosófica*.

Outra ordem de problemas diz respeito ao fato de boa parte da produção historiográfica sobre religião ser produzida por adeptos e simpatizantes. Não que isso seja um problema em si, mas notamos em parte de produção histórica um forte viés apologético, como se o trabalho de pesquisa devesse se colocar a favor de seu objeto. Não raro, grupos de trabalho na área costuma ser divididos por religião e não por problemática, o que impede ou dificulta o entendimento do sistema de crenças e das instituições religiosas como parte de uma sociedade complexa, onde os sujeitos históricos não são ou estão fechados a hibridismos, dúvidas e mudanças de perspectiva. A apologia realizada por uma parte dos pesquisadores seria uma espécie de antídoto contra o excessivo cientificismo das abordagens tradicionais, principalmente aquelas derivadas de certa visão positivista das ciências. Seu efeito, por outro lado, é uma forma de radicalismo às avessas, que impede o necessário distanciamento frente ao objeto de pesquisa.

O grande mérito de *Do outro lado: a história do sobrenatural e do espiritismo* de Mary Del Priore é não se render a essas duas ordens de problemas. Ela não se debruça especificamente sobre o espiritismo e sua trajetória no Brasil e nem se rende à apologia pós-moderna das religiões. Trata, isso sim, de uma problemática específica, a convivência e o conflito entre uma mentalidade fortemente cientificista, desenvolvida no século XIX, com a ancestral crença no sobrenatural. Apesar de muitas vezes voltar sua pena para a Europa e para os Estados Unidos, Del Priore foca o Brasil imperial, um período de permanências e profundas mudanças na cultura nacional.

A autora afirma que a crença no sobrenatural é tão antiga quanto a humanidade, uma espécie de mentalidade de longa duração, mas não arrisca nenhuma teoria antropológica *essencialista* acerca da questão. Prefere analisar os diversos imaginários (conceito que Del Priore não chega a desenvolver) produzidos acerca do *outro lado*. Discorre sobre o *mesmerismo*, as mesas volantes, as cartomantes, o sonambulismo, o curandeirismo, mas dedica boa parte da obra a analisar o espiritismo, destacando o caldo de cultura que permitiu o seu surgimento, nos Estados Unidos e na Europa, o desenvolvimento da doutrina espírita e sua chegada ao Brasil.

Ainda que não evoque necessariamente a obra do filósofo francês Michel Foucault, a autora elabora uma discussão acerca das recepções do espiritismo e das outras crenças ligadas ao sobrenatural no Brasil, detectando uma grande resistência de médicos cientistas e intelectuais às novas modas religiosas. A guerra pela legitimidade entre discursos díspares é o ponto alto do livro, ainda que a análise do solo cultural brasileiro, que permitiu a disseminação do espiritismo e sua hibridização com as religiões afro-brasileiras e o catolicismo, seja bastante reveladora da complexidade da cultura religiosa nacional.

Mary Del Priore enfrenta, durante toda sua obra, um dos problemas mais comuns da história cultural como é praticada hoje, o excesso de descrições. Outros autores, como Peter Burke, naufragaram no diletantismo descritivo em diversas obras quando o tema tratado esteve ligado ao universo da cultura. O excesso de descrições e relatos de casos muitas vezes esvaziou suas obras de certa densidade explicativa. A autora em questão consegue fugir dessa armadilha, amarrando suas descrições, relatos de aparições fantasmagóricas e citações diretas das fontes com trechos explicativos, o que dá certa ordem e lógica à sua narrativa.

Mas o grande mérito de Mary Del Priore é conseguir captar a densa atmosfera das crenças do Brasil no século XIX, mostrando que as explicações buscadas pelos historiadores devem ser meticulosamente historicizadas, o que evitaria o risco de análises por demais generalizantes e, conseqüentemente, simplificadoras do real. Como diz a autora em sua introdução, as mensagens que os homens captaram *do outro lado* correspondem sempre a uma intenção e a um medo. Tais mensagens jamais são neutras, exprimem um contexto e um estado de espírito. As religiões, nesse sentido, são reveladoras da mentalidade de uma época, de uma cultura e de uma sociedade.